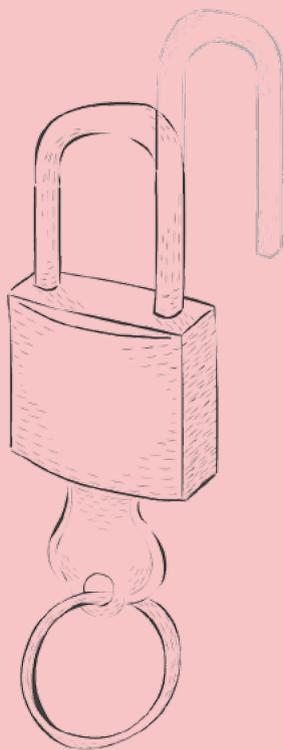
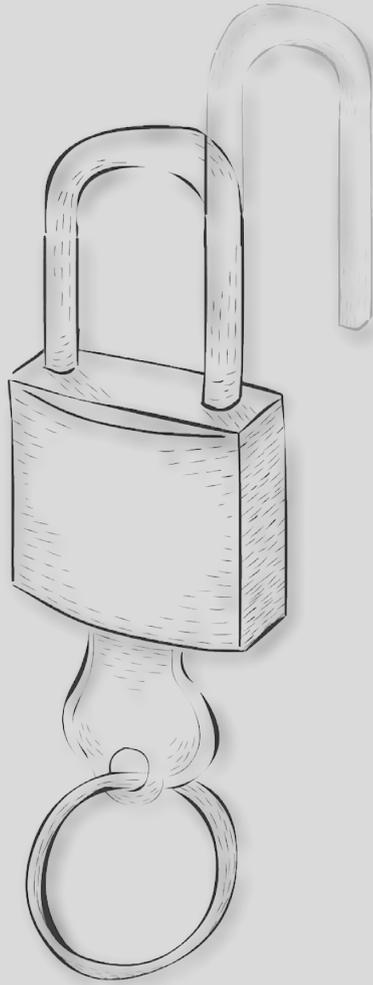


lucas agosto da silva



revelação

EDITORA RECANTO DAS LETRAS



revelação

2017 © Lucas Augusto da Silva

Diagramação, Ilustração e Capa: **Alexandre Cid de Oliveira**

Impressão: **Forma Certa**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Andreia de Almeida CRB-8/7889

Silva, Lucas Augusto da

Revelação / Lucas Augusto da Silva ; ilustrado por Alexandre Cid de Oliveira. -- Sorocaba : Recanto das Letras, 2017.

72 p. : il.

Bibliografia

ISBN: 978-85-69943-52-5

1. Poesia brasileira I. Título II. Oliveira, Alexandre Cid de

17-11 65

CDD B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Rua Laura Barbero Shimmelpfeng, 260 - Sorocaba - São Paulo

Fone: (11) 3230-6777

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

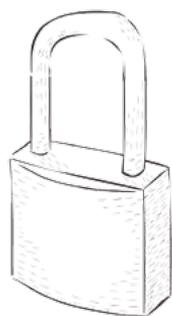
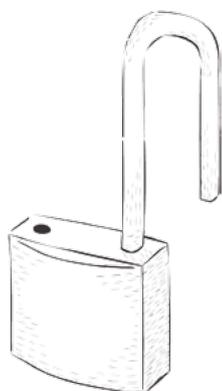
lucas agosto da silva

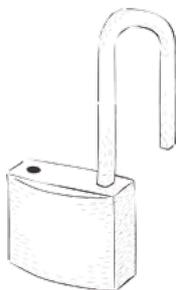
revelação

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates

Tabacaria - Álvaro de Campos





Mnemosyne

Neste custodiante corpo de alma
imunda, desenvolvem-se teias de aranha
recentes, neste paradoxo de tempo de hoje
suficiente e tempos de anteontem.

Alma, custoso encargo a um corpo
doente, desenvolto em própria entranha
corcunda que, ortodoxo, finca que não foge e,
prevalecente, transborda o cu da fonte.

Corpo, custodiante de imunda alma,
veste luvas para tocá-la de dentro
para fora.

Dest'alma cuja carcaça, tarântula
em ecdise, no entanto, não se pode
trocar de fora para dentro,
o custodiante corpo
costura distância.



Curioso o envelhecer do dia
que tem cabelos pretos quando o tempo passa
que chora errante cedo quando o mar ressaca
e precipita a mágoa de quem guarda a chuva.
Que dura mais ou menos dependendo a fase
da lua, parte sua que melindra o claro
na sobra da fartura, se confunde, lógico:
é negro quando é noite e ao nascer de novo
e dura negro até que os olhos amanheçam.
Será que é mesmo um homem com estes mesmos hábitos?
questiona se o fim é um novo recomeço
e se é inútil a vida cujo fim conheço
às vinte e três suspira, veste sua manta
as meias duram pouco, madrugada bruta.

Na cena do socorro, curioso o dia:
que dorme sem ler Sêneca no fim de si,
acorda com saudade, déjà-vu diário
e, preto ou branco, conta horas imortal.



Jardins do Ipiranga

Aqui gritaram ramos de bigodes
Vãos ecos refletiram môcas mudas
que ainda hoje esperam que tu podes
já que só tu podes com mãos desnudas.

São plantas de sementes-perdigotos
de um lusófono de língua torta:
os erres vêm puxados nuns arrotos
os esses viram xis e cresce a horta.

Que dom teria aquele que berrava
que o fez ser o mais útil para o cargo
do que até mesmo o velho povo em tanga?

O bando que a terra semeava
viu lá nascer um fruto tão amargo:
a flor da independência que brotava
corou desigualdade no Ipiranga.



É do Brasil que me lembro
Ao ser do pôr no Mar-da-Palha
Do quente abraço de dezembro

Do gosto férreo da navalha
Na boca rota da Garoa
Do peito ausente de medalha

Em tempo leitor de Pessoa,
Lembro de Hilda quando calha
Mirar a rola enquanto voa

Essa memória atrapalha
Qualquer progresso da História
Cronos, de cima, arramalha

As copas da noqueira – Glória!
- que vejo invés um ipê-roxo –
a confirmar a falatória:

É por Brasil que muxoxo
Quando a noite não me falha
Num maternal desabrocho
Do tempo que não grisalha

É do Brasil que careço
A cada broto de dália.
Quem sabe um dia apareço,
Quem sabe a noite me valha
Um caminho de migalha,
Quem sabe amanhã esqueço.

Presenteado com duas dádivas fui
No nascimento, o doutor a constatar:
no olho esquerdo, a miopia influi
e o direito só três cores vai olhar

Quis minha mãe saber se havia solução
E até que tinha, mas cabia optar:
ou dava leite para acompanhar o pão
ou dava lente para os olhos melhorar.

Cresci criança vendo aquele embaçado
E o tricolor não era mais do que o normal
Só já adulto pude então ter a visão.

Os paralelos vidros foram um achado,
mas me privaram do que me era real:
curtir o meu defeito de fabricação.

Ver a cidade toda como eu tenho feito
Tu me perdoes, mas não encontraram jeito
de replicar as lentes do meu coração.

Dilemas Ideológicos

Lutar:
pelo trabalho
ou contra ele?
por igualdade
pelo respeito à diferença
ou pelo direito de escolha?
pela opção
pela orientação
ou pela falta delas?
porque somos iguais
(por que somos diferentes?)
porque somos diferentes?
(por quê mesmo?)
para ser livre
para que o outro seja livre
mesmo que o outro seja o outro
lado?
para que haja luta
para que reine a paz
através da disputa?
para conservar?
para progredir?
e, depois de progredir,
conservar?
para modernizar e evoluir
para (pós)modernizar e (des)construir
para liberar
para liberalizar
para libertar
ou libertinar?

para descriminar
para discriminar
para criminalizar
a discriminação?
por mim que penso em nós
por nós que pensamos em todos
por eles que pensam neles
ou pelo direito de não pensar?
pela falta de vaidade
pela moderação no uso
pelo direito de ser vaidoso?
contra o dono da obra
contra a obra
ou contra a mão-de-obra?
entrando no jogo
ficando de fora
roubando a bola
ou matando os jogadores?
pela divisão
pela distribuição
ou pela produção?
acreditando no futuro
imaginando o amanhã?

lutar
pelo direito à resposta.

Exceção

Não posso reclamar
Não me permito
Choro quando a mente implora
quando o corpo gora
e o espírito agoura
no momento-fim
(efêmero estopim)
de vida duradoura
na procela da canoagem
perturbar da manjedoura
interrupta passagem

Grito quando o calo aperta
d'uma dor incerta
cada lúgubre excerto
(nesse caso, alerta)
um pedaço de ventura
qu'inda respira virgem
no melaço da procura (agridoce)

Susto quando consciência (fosse)
faz-se positiva
contraceptiva
d'embrião da maledicência

Cuido p'ra não desabar
do cume néveo do ego
p'ra queda não machucar
os parques olhos do eu-cego
pois ser humano é como prego
cuja cabeça a mostrar
esconde um corpo enterrado
e ilustra só o sumário
de um longo romance grego
gregário

qu'imprescinde (des)apego
e dicionário.
Não nego.

Desespero enquanto a água
salobra inunda o casco.
Com remo ao oceano trago-a
na tentativa de findar a mágoa
ao evitar o asco.
Então
a embarcação? Alago-a.

Supero enquanto forças tiro
Enquanto forte sou
As ínguas do retiro
O sangue que jorrou
Agora, resiliente, firo
Quem tanto ignorou
(que quase sufocou
em seu próprio respiro)
os furos que seu tiro
meu peito maculou.

Regenero como esponja-do-mar
As partes dilaceradas do esqueleto,
Os cortes qualificados do andar,
Os mortos que padeceram no lazareto
Corpo doente de tanto caminhar
Correto
Margem-campo-coreto
Praça-avenida-lar

Porém não me permito
Um segundo apenas
Reclamar dessas penas
Já que co'asas pequenas
Todo voo é bonito.

Bairrice

(a Miguel Torga)

Foi em casa d'um poeta do Restelo
Que fabriquei minha morada.
Com tratos de nobre desvelo,
Assimilei a mútua grada.
Pagava ora com dinheiro,
Ora com estrofe entoada.
Ao quarto, vezes, rumo esgueiro,
Vezes digiro a palavrada
Entre um empréstimo de isqueiro
E outro.

Fogo com fogo se paga,
Brasa com cinza se apaga:
O universo é um cancionero
E o Sol, um casto trovador.

Chegado setembro, se bem me lembro
dos planos que fiz, serei feliz.

No trinta de agosto, farei o oposto
dos anos febris: serei feliz.

Já quando madruga o dia da fuga,
a todo arredor serei melhor:
melhor que o passado, se todo chegado
dia trinta e um for medo algum

Chegado setembro, confesso entrelembro
Sou já feliz? Serei melhor.

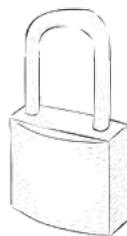
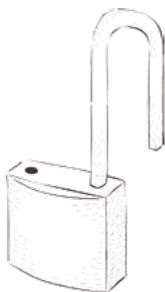


Faço-te mala

faço-te, mala,
porque quero-te feita.
alço-me para lá
de missão escurrita:
vida direita
que a esquerda embala.

faço-te mala,
porque clama minh'alma:
“como tu ousas
tal vida de calma?”
mal sabe a palma
das linhas na lousa.

Desfaço-te, mala:
deixo-te, pretérito,
que o futuro desposa
minh'alma de mérito
e voa mariposa.
quem vive, não se dosa,
nem cumpre o inquérito:
se cala?



e o silêncio dos homens desavisados
alterna pegadas velozes e descompassadas,

fecundando sementes nos mais infensos solos
e agora ouve-se a serenata
o berro do alaúde, o acorde do mãe-da-lua,
a tudo quanto os ouvidos captam, o coração responde

revelação

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

ISBN 978-85-69943-52-5



9 788569 943525

Sorocaba/São Paulo - Agosto/2017